



ARCHIVO, COMUNICACIÓN Y CULTURA

La construcción de la memoria a través de la imagen

Para além de tormentas e licores de café: Um olhar crítico sobre o jornalismo cultural a partir da cobertura do show de Robert Plant no jornal *La Región*

BEYOND STORMS AND COFFEE LIQUEURS: A CRITICAL LOOK AT
CULTURAL JOURNALISM BASED ON THE COVERAGE OF ROBERT
PLANT'S SHOW IN THE NEWSPAPER *LA REGIÓN*

Fabio Cruz

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

fabiosouzadacruz@gmail.com

 0000-0002-9933-5788

Guilherme Curi

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

curi.guilherme@gmail.com

 0000-0002-9464-4231

Resumo

A partir de uma perspectiva crítica ao atual momento do jornalismo cultural, este artigo analisa a cobertura do portal do jornal regional espanhol *La Región* do show do músico inglês Robert Plant na cidade de Ourense, Galícia, Espanha. Ao todo, foram analisadas as 10 matérias relacionadas ao evento. As reflexões propostas

resultam principalmente a partir dos pressupostos teóricos e epistemológicos de Roland Barthes e o conceito de *fait divers* aplicados à contemporaneidade.

Palavras-chave

Jornalismo cultural; Robert Plant; música; *fait divers*.

Abstract

From a critical perspective on the current moment in cultural journalism, this article analyzes the coverage on the Spanish regional newspaper La Región's portal of the English musician Robert Plant's concert in the city of Ourense, Galicia, Spain. In total, 10 articles related to the event were analyzed. The proposed reflections result mainly from the theoretical and epistemological assumptions of Roland Barthes and the concept of *fait divers* applied to contemporary times.

Keywords

Cultural journalism; Robert Plant; music; *fait divers*.

Sumário/ Summary

1. Introdução / *Introduction*
2. Objetos de Estudos / *Study Objects*
3. Cabedal teórico-metodológico / *Theoretical-methodological background*
4. Do anúncio ao pós-show: superficialidade e supremacia dos *fait divers* / *From the announcement to the post-show: superficiality and supremacy of fait divers*
5. À guisa de conclusão / *Conclusion*
6. Bibliografia / *Bibliography*

1. Introdução

A célebre frase do filósofo italiano Antonio Gramsci (2014, p.187), na década de 1930, ao afirmar que “a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer”, serve de pressuposto inicial para introduzir o cerne da discussão do presente artigo.

A partir da cobertura em torno dos dias do show de um dos maiores nomes da música mundial, Robert Plant, produzida por um tradicional periódico da região da Galícia, Espanha, propomos apontar, analisar e argumentar como ainda persiste, na terceira década do século XXI, um tipo antiquado de fazer jornalismo cultural arraigado em modelos de discurso que já não deveriam mais ser aplicados em detrimento de novas formas de fazer jornalismo, que ainda estão em construção, principalmente em relação ao acelerado avanço das novas mídias digitais hoje.

Propomos analisar o jornalismo cultural por entender que este gênero jornalístico trata de questões simbólicas e representativas do mundo e das artes no contemporâneo. Ou seja, de novas possibilidades de pensamento e ressignificação da vida. No entanto, em contrapartida, determinados meios de comunicação, principalmente os mais antigos, são capazes de adotar uma postura mais conservadora, balizada única e exclusivamente pelo mercado. Tal prática, descompromissada socialmente e acrítica, promove informações superficiais, desprovidas de conteúdo substancial e, ao mesmo tempo, de imediata assimilação, repleta de deslizes discursivos, os chamados *fait divers*, conceito que será abordado ao longo do texto.

Neste sentido, muito se discute academicamente (Souza, 2018, Sodré, 2014) sobre a suposta crise do jornalismo. Em entrevista para o site “Jornalistas Livres”, o jornalista brasileiro Leandro Demori, então editor-executivo da agência de notícias *Intercept Brasil* e agora jornalista independente, produtor da newsletter de notícias “A Grande Guerra”, afirmou que o jornalismo hoje não passa por nenhuma crise. Para ele, com as ferramentas disponibilizadas na internet, nunca tivemos um tempo tão rico e propício para investigar e trabalharmos com a produção de diferentes conteúdos jornalísticos. O que estaria em crise seria o modelo de sustentabilidade financeira das empresas. Segundo Demori, estamos descobrindo agora uma nova forma de trabalho, na qual o estilo antigo estaria longe de ser ideal, baseado, principalmente, em anúncios de governo e de empresas privadas. Para ele: “se a Nestlé coloca um anúncio no seu jornal, você não investiga a Nestlé. Porque estamos lamentando que esse modelo está acabando? Vai com deus, obrigado!”¹

1. Disponível em <<https://jornalistaslivres.org/nao-ha-crise-nenhuma-no-jornalismo-afirma-leandro-demo-ri-do-the-intercept-brasil/>> Acesso em 28 jan. 2024.

A declaração do jovem jornalista brasileiro certamente nos dá algumas pistas para refletirmos sobre qual tipo de jornalismo queremos produzir nos próximos anos. E o jornalismo cultural não estaria fora desta seara. Logo, propomos analisar a cobertura do portal digital do jornal *La Región*² sobre a presença e show do músico Robert Plant³ na cidade de Ourense, Galícia, Espanha. Para tal, realizamos a coleta das matérias jornalísticas analisadas desde que foi feito o anúncio, no dia 1º de abril de 2023, do concerto do músico inglês com o projeto *Saving Grace*⁴. Desta forma, passamos a monitorar, quase que diariamente, o site do *La Región*. Ao todo, identificamos 10 matérias relacionadas ao evento.

O artigo está dividido em três principais capítulos, além da introdução e conclusão. Em um primeiro momento, apresentamos os objetos de estudo da pesquisa. Em seguida, no terceiro subcapítulo, descrevemos a nossa base teórica e metodológica, principalmente a partir dos pressupostos epistemológicos de Roland Barthes e o conceito dos *fait divers* aplicados à contemporaneidade. Já o capítulo 4, “Do anúncio ao pós-show: superficialidade e supremacia dos *fait divers*”, é dedicado às análises em questão.

2. Objetos de Estudo

O primeiro objeto de estudo deste artigo, como já brevemente exposto, de forma macro e genérica, é o jornalismo cultural. Por jornalismo cultural, uma das definições mais próximas daquilo que objetivamos discutir é a proposta por Branco, Targino e Gomes (2006, p.13), que afirmam que este tipo de jornalismo pode ser percebido como um “gênero especializado na divulgação de eventos de natureza artística”. Neste sentido, ele faz a “análise e avaliação de produtos simbólicos que dizem respeito ao conjunto de valores estéticos e ético-políticos da produção editorial, cinematográfica, da dramaturgia, da música”. Logo, eles afirmam, em razão dessa sua dupla configuração, esse gênero discursivo mescla informação jornalística e presença autoral de especialistas nas diferentes áreas da produção artística. Por esta razão, a partir da metodologia que será descrita a seguir, focamos nossa análise neste conjunto de valores estéticos e discursivos que compõem as notícias selecionadas para então construirmos nossos argumentos e discussões teóricas que serão trabalhados ao longo do artigo, principalmente a partir do cabedal teórico-metodológico.

2. Disponível em <<https://www.laregion.es/>> Acesso em 28 jan. 2024.

3. Nascido no dia 20 de agosto de 1948, em West Bromwich, Inglaterra (Rees, 2014).

4. Banda que acompanha Robert Plant desde 2019. O *Saving Grace* mescla elementos do blues com influências orientais e é formado pela cantora Suzy Dian, Tony Kelsey na guitarra e bandolim, Matt Worley no banjo e guitarra e Oli Jefferson na percussão.

De forma mais específica, o *corpus* do estudo em questão são matérias publicadas em formato digital sobre o show do músico Robert Plant, selecionadas do periódico *La Región*, um jornal tradicional regional espanhol da cidade de Ourense, Galícia, Espanha. Tendo publicado o seu primeiro número no ano de 1910, até hoje, o jornal circula na região em formato impresso e também *online*, com notícias locais e nacionais centradas em temas distintos como política, trabalho, saúde, esportes, educação e cultura. É necessário ressaltar que, para esta análise, consideramos as limitações estruturais e os recursos de um meio de comunicação regional, fatores estes que podem influenciar no trabalho jornalístico e condicionar a cobertura, a ponto de ser ou não especializada.

Ainda Robert Plant, nosso personagem analisado, é um músico mundialmente reconhecido desde os trabalhos com a banda inglesa *Led Zeppelin* entre 1968 e 1980. Além do cantor, o antigo grupo do cantor era composto pelo guitarrista Jimmy Page, pelo baixista e tecladista John Paul Jones e pelo baterista John Bonham. Sucesso de vendas até hoje, o *Zeppelin* é comercialmente um expoente dentro do rock'n'roll⁵. Além disso, os quatro artistas quebraram recordes de público em concertos que fizeram do *Led Zeppelin* um dos principais – senão o principal – conjunto de rock da década de 1970. Com o fim do grupo em 1980, após o falecimento do baterista John Bonham, aos 32 anos (Cruz e Curi, 2023), Plant lançou-se em uma bem-sucedida carreira solo, a qual dura até hoje.

O talento do artista é reconhecido por diversas publicações especializadas em jornalismo cultural, presente em listas de melhores cantores do gênero rock⁶, e, também, de outros gêneros musicais⁷. Além do trabalho como solista, o vocalista envolveu-se em inúmeras colaborações com outros artistas. Entre eles, vale mencionar a parceria com a cantora norte-americana Alison Krauss e, por último, o projeto *Saving Grace*.

3. Cabedal teórico-metodológico

Atualmente, os meios de comunicação consistem em uma das principais – senão a principal – instituições influenciadoras da sociedade. Tal cenário foi acelerado ainda mais a partir da presença ubíqua das mídias digitais em nossas vidas, em

5. Disponível em <https://www.riaa.com/gold-platinum/?tab_active=top_tallies&tt=TAA#search_section>. Acesso em 18 jan. 2024.

6. Seu nome ocupa uma colocação expressiva na lista dos melhores cantores de rock da revista *Billboard*. Disponível em <<https://www.billboard.com/photos/6721847/best-rock-singers-of-all-time>>. Acesso em 18 jan. 2024.

7. Um dos exemplos é a lista dos 100 maiores cantores da história, publicada pela revista *Rolling Stone*. Disponível em <<https://www.rollingstone.com/music/lists/100-greatest-singers-of-all-time-19691231/robert-plant-20101202>>. Acesso em 18 jan. 2024.

um panorama midiático contemporâneo no qual cada meio, e seu respectivo uso, é definido em relação a todas as outras mídias (Couldry & Hepp, 2020). Desta forma, ao unirem textos, sons e imagens, as diferentes formas comunicativas constroem representações da realidade no imaginário coletivo e, deste modo, acabam constituindo-se em uma espécie de formadores das identidades de todos os envolvidos neste processo. Ou seja, o mundo hoje não é simplesmente mediado, mas midiaticizado. Assim, de forma contínua e recursiva, as mídias desempenham a construção daquilo que chamamos de mundo social (Sodré, 2014; Couldry & Hepp, 2020).

Ao oferecer um cardápio repleto de direcionamentos éticos e políticos, sociais e culturais, a mídia estabelece um poder simbólico perante os cidadãos. Neste cenário, nos deparamos com alguns dilemas que habitam o âmbito comunicacional. Por um lado, através dos seus veículos, os meios midiáticos podem apresentar um viés crítico e educacional, quando produzem informações com substancialidade, as quais estimulam um pensar pedagógico e comprometido com a própria realidade social em que vivemos;

Logo, compreender e entender a realidade dinâmica do jornalismo contemporâneo, assim como investigar as mudanças estruturais pelas quais passa o setor, de acordo com Souza (2018, p.56), nos exige uma perspectiva crítico-dialética. Em outras palavras, segundo o pesquisador, para compreender os fenômenos sociais e, em especial, o papel do jornalismo, hoje, “é fundamental relacioná-los com o todo social, visto aqui como a ordem reprodutiva material dos sujeitos em processo”. Ainda:

Analisar as características definidoras do processo pelo qual passa o jornalismo significa desnudar as mediações entre as particularidades que a definem e os processos mais gerais de uma crise que envolve a própria ordem sociometabólica do capital, em que o sistema alcança seus limites estruturais ao mesmo tempo em que revela sua incapacidade civilizatória (Souza, 2018, p.57).

Em sintonia com a perspectiva crítico-dialética proposta por Souza, por outro lado, encontramos exemplos de como o chamado jornalismo cultural está atrelado à reprodução de formas simbólicas que caracterizam determinados valores sociais em detrimento de outros preceitos que deveriam ganhar uma maior atenção. Neste sentido, conforme colocamos antes, determinados formatos jornalísticos tradicionais insistem em publicar informações rasas, com carência de substancialidade e, concomitantemente, de fácil assimilação. A mídia age, assim, como uma espécie de entrave para a reflexão crítica. Ao lançar mão disso, estimula um verdadeiro jejum intelectual na sociedade. Nesta realidade em que a qualidade daquilo que é produzido é, muitas vezes,

inversamente proporcional ao índice de audiência, vislumbramos o apogeu dos desvios discursivos, do espetáculo e do conflito. Vivenciamos o triunfo dos *fait divers*, conceito chave para a perspectiva teórico-metodológica deste artigo.

Os chamados “fatos diversos” ou “casos do dia” consistem “na informação sensacionalista, procedente de uma classificação do inclassificável” (Cruz e Curi, 2015, p.75). Constituem-se perfeitamente em uma categoria que ilustra a ideologia acima colocada, a qual, através dos seus significados e métodos, fornece elementos mediocres e acríticos que tendem a relegar os receptores à passividade e à manipulação. Estimulando um pensar curto e efêmero, os *fait divers* apresentam informações excepcionais e, por vezes, insignificantes, inusitadas e inexplicáveis. Neste sentido, o intuito é único: almejar o emocional das pessoas e afastá-las do pensamento crítico.

Munidos de uma natureza atemporal, os *fait divers* não necessitam de contexto. Despontam nos mais diversos segmentos midiáticos e com as mais distintas abordagens. Aparecem no trato da realidade e da ficção como, por exemplo, no jornalismo cultural aqui analisado, nos telejornais, no noticiário da imprensa, na publicidade, nas telenovelas, nos *talk shows* e nos programas humorísticos (Ramos, 1999), além, é claro, de estar presente cada vez mais nas mídias digitais, como *TikTok* e Instagram, com vídeos curtos e, muitas vezes, rasos e sensacionalistas.

Assim sendo, as conexões dessa categoria propostas por Roland Barthes (1971), ainda pertinentes na contemporaneidade, são compostas pela singularidade, pelo grotesco e primam pela espetacularização. Neste sentido, os *fait divers* apresentam dois tipos que servem como base para as nossas análises: Causalidade e Coincidência. Ou seja, a partir destas categorias, buscamos verificar se há ou não a existência de *fait divers* nas matérias investigadas. Além disso, elucidamos que ambas possuem subtipologias, direcionadas para a compreensão da excepcionalidade, condição do estabelecimento da noção de conflito, que também nos serve de mapas metodológicos para o estudo proposto, no caso, as matérias do jornal regional *La Región*.

Os *fait divers* de Causalidade é demonstrado através de dois tipos: causa perturbada e causa esperada. O primeiro acontece quando a causa presente na informação é imprecisa ou desconhecida, e também quando uma pequena causa suscita um grande efeito; Na causa perturbada, ocorrem fatos excepcionais que podem gerar surpresa, espanto, e implicam perturbação, conflito. Há um efeito (o conflito surge daí). No entanto, a causa é imprecisa, ou, até mesmo, ilógica, com carência de sentido. Há uma riqueza de desvios causais. Devido a certos estereótipos, esperamos uma causa mas surge outra, mais pobre do que a esperada. Neste gênero de relação causal, há o espetáculo de uma decepção; paradoxalmente, quanto mais ocultada, provavelmente mais percebida será essa causalidade.

O segundo tipo, a causa esperada, se dá da seguinte forma: quando a causa é normal, a ênfase da informação incide sobre as “*dramatis personae*” (personagens dramáticas), como, por exemplo, crianças, mães e idosos (Barthes, 1971, pp.267-271). Ou seja, todas as atenções são voltadas para essas figuras, cuja tendência é a de nos sensibilizar.

Barthes (1971, pp.271-274) revela os *fait divers* de Coincidência a partir de dois tipos: de repetição – quando a repetição de uma notícia pode levar à desconfiança, pois isso é capaz de induzir o receptor a imaginar causas desconhecidas, suspeitas, que acontecem em circunstâncias diferentes – e de antítese – quando se aproximam dois termos qualitativamente distantes. A antítese liga dois termos contrários em um só percurso, como se nunca tivessem sido distintos, estabelecendo a noção de conflito e proporcionando a emocionalidade.

Uma vez unidos, a mídia e os *fait divers* independem de estilo jornalístico, no nosso caso, o jornalismo cultural, e mostram, ao contrário de informar com substancialidade e aprofundamento, os fatos do dia, pois têm como principal finalidade a superficialidade, com base no emocional.

Desta forma, neste horizonte epistemológico do estruturalismo, produzir conhecimento da realidade significa revelar os elementos constituintes, constantes supra-espaciais e supratemporais (Demo, 1992). Levando isso em conta, notamos que o objeto é invariante, o imutável na dialética histórica. Conforme Demo (1992, p.172), o termo estrutura está conectado ao essencial dos problemas; é o fundamento, a base. “Refere um todo, onde convivem partes convergentes e divergentes em uma relação dialética, delineada pelo movimento”. Para Barthes (1971), a estrutura se constitui na peça essencial para os *fait divers*.

Assim como aplicada nas análises que serão expostas a seguir, segundo Barthes (1997, p.106), a pesquisa semiológica busca “descobrir o tempo próprio dos sistemas, a história das formas”. Ao escolhermos a pesquisa semiológica qualitativa à quantitativa, Barthes sugere que “o objetivo é aqui distinguir unidades e não contá-las” (1979, p.11).

Já no que tange à investigação da linguagem das matérias selecionadas, a pesquisa semiológica é pertinente. Segundo Barthes (1997), o princípio de pertinência constitui-se em um fator importante na pesquisa semiológica.

Para compreender essa pesquisa, é necessário aceitar, francamente, desde o início (e, principalmente, no início), um princípio limitativo. Esse princípio, mais uma vez oriundo da linguística, é o princípio de pertinência: decida-se o pesquisador a descrever os fatos, reunidos a partir de um só ponto de vista e, por conseguinte, a reter, na massa heterogênea desses fatos, só os traços que interessam a esse ponto de vista, com a exclusão de todos os outros (esses traços são chamados pertinentes). (Barthes, 1997, p.103).

Nesse sentido, demarcar o caminho do objeto consiste em uma tarefa necessária, o que é contemplado pelo princípio de pertinência, que proporciona ao pesquisador, de acordo com os interesses de estudo, a particularização e a atenção para conteúdos restritos, no caso, a análise de um jornal regional, que pode servir como exemplo científico para investigações futuras.

4. Do anúncio ao pós-show: superficialidade e supremacia dos *fait divers*

Como já mencionado na introdução deste artigo, passamos a monitorar e a analisar o portal do jornal regional *La Región* desde que foi feito o anúncio, no dia 1º de abril de 2023, do show de Robert Plant com o projeto *Saving Grace*. Ao todo, identificamos 10 matérias relacionadas ao evento, cinco delas dedicadas à divulgação do espetáculo até o dia da apresentação, na cidade de Ourense, na região da Galícia, Espanha.

Isto posto, discutir o uso do sensacionalismo é prática corriqueira, seja nas instituições de ensino ou no exercício da profissão. Sobre este ponto, inclusive, questões que versam sobre a ética jornalística são frequentemente postas em debate. Os *fait divers* consistem em um termo que leva a uma imprecisão devido a um mau entendimento, o que conduz à sua deturpação (Angrimani, 1995). Assim sendo, os *fait divers* são vistos como algo necessariamente depreciativo, que ultrapassa o exagero. Desta forma, devido a essa resignificação causada pelo senso comum, o fazer “sensacionalismo” pode ser interpretado como deslizes das linhas editoriais, equívocos e distorções das informações levadas aos receptores, que, por vezes, pode também mascarar os limites estruturais que existem dentro de um próprio jornal.

Sabemos que a lógica dos *fait divers* é a lógica de mercado e parte desses escorregões e equívocos jornalísticos pode ser constatada logo na primeira matéria analisada⁸, veiculada no dia 1º de abril de 2023. O próprio título já apresenta uma pergunta em tom de mistério, a qual busca atingir o emocional do receptor: “Quem é a estrela do rock que visitará Celanova?” Na sequência, aparece uma foto de Robert Plant. Logo após, o texto informa que o concerto “do cantor de um dos grupos mais influentes do rock da década de 70 irá à província de Ourense”. E o suspense prossegue: “Descubra quem é!”.

Depois disso, a matéria informa que o convidado da vez é “(...) um dos músicos mais importantes da cena do rock dos 70 (...)”. Por fim, a identidade do artista é

8. Disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/quien-es-estrella-rock-que-visitara-ourense/202304042009311210461.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

revelada e o texto promete que Robert Plant “fará vibrar os vizinhos de Celanova com sua poderosa encenação em setembro”. Após informar a data e o local do show, no dia 9 de setembro, no Monastério de San Salvador, é dito que Plant pode ser considerado “uma das vozes mais importantes do rock e da música contemporânea”. A notícia termina informando que o *Led Zeppelin* se dissolveu logo após a morte de Bonham, em 25 de setembro de 1980, e que, depois disso, Plant lançou dois álbuns solos, *Pictures at eleven*, que lembra o estilo da sua antiga banda, e *Principle of Moments*, de 1983, este com influências do *Genesis*⁹, além de ter contado com a participação do baterista¹⁰ do grupo no álbum.

Constatamos aqui que o espetáculo dá as caras já de início com o uso dos *fait divers* de Coincidência, nossa segunda categoria barthesiana de análise. Neste sentido, quando a reportagem une Robert Plant a termos como, por exemplo, “poderosa encenação”, detectamos o uso da antítese. Ao fundir dois percursos distintos, esse subtipo também tem como objetivo maior alcançar o lado emocional do receptor, no caso, os leitores do *La Región*. Outro ponto que merece destaque é a eterna ligação do músico inglês com a antiga banda, o *Led Zeppelin*, prática esta que promove a repetição e é constatada em todas as matérias produzidas pelo *La Región*, como observamos nas análises. Em que pese a inegável importância do grupo, é salutar constatar que Plant possui uma carreira solo que já dura mais de 40 anos.

Reforçando o que foi colocado acima, Ramos (1999) afirma: “Na abordagem estruturalista, o mais importante não é o dito. As histórias, os protagonistas e as circunstâncias são significações variáveis no tempo e no espaço. São percebíveis”. E prossegue: “O que importa é a estrutura, a forma de dizer, o significante invariante, que tem permanência perante quaisquer possibilidades de mutação”. Nesta realidade, o autor também atenta para o fato de que, em qualquer tipo de *fait divers*, é possível que ocorra a interação de Causalidade e Coincidência. Ou seja, afirmar sempre que Plant pertence ao *Led Zeppelin* e não promove novos e diferentes tipos de olhares sobre a sua trajetória como artista solo esconde e ao mesmo tempo reforça estereótipos. Ainda, é necessário salientar que tais práticas jornalísticas podem ser fruto da própria precarização do trabalho e das condições econômicas impostas a alguns veículos regionais hoje. Em outras palavras, o mesmo jornalista poderá produzir diferentes tipos de reportagens para diferentes editoriais, sem a devida especialização necessária.

Ainda assim, com base em pesquisas anteriores (Cruz e Curi, 2015), constatamos que, em linhas gerais, os veículos de comunicação ditos “especializados” costumam tratar a carreira de Plant como solista com certo

9. Grupo inglês de rock progressivo.

10. Phil Collins.

desdém e/ou falta de conhecimento. Ou seja, não é algo exclusivo de veículos regionais. No entanto, na primeira matéria analisada, percebemos um tratamento similar produzido pelo La Región. Ao encerrá-la, o repórter afirma que o cantor gravou dois álbuns após o fim do *Led Zeppelin: Pictures at Eleven*, de 1982, e *The Principle of Moments*, de 1983. A bem da verdade, desde o primeiro disco, até hoje, o músico produziu inúmeros trabalhos, seja como artista solo ou em colaboração com outros músicos. Prova disso é o último projeto com a cantora Alison Krauss, *Raise the Roof*, lançado há três anos, em 2021.

Já a segunda matéria – “Robert Plant, do *Led Zeppelin*, atua em Celanova em 9 de setembro”¹¹ – traz uma foto do presidente da província sede do evento junto a um dos responsáveis da *Live Nation*, promotora do concerto. Sorridentes, os dois mostram o cartaz do show de Robert Plant e *Saving Grace*.

Veiculado no dia 2 de abril, o texto informa o local e a data do show e diz que Robert Plant, de 74 anos, é o líder do *Led Zeppelin*, banda que compôs temas como *Stairway to Heaven*¹². Além disso, de acordo com o presidente da província, as entradas para o evento serão colocadas à venda em seguida. “É importante que Ourense acolha figuras legendárias (...). Depois, a notícia informa que o concerto é “(...) de primeiríssimo nível internacional”.

A seguir, o texto informa, pela primeira vez, que Plant estará acompanhado do *Saving Grace*, grupo que ele fundou em 2019. Na sequência, é destacada a presença da vocalista Suzy Dian, que se une ao músico “para continuar dando asas à sua criatividade enquanto permanece fiel ao seu estilo rock”. A matéria afirma que Plant quase tocou em Ourense no ano de 2015. Na ocasião, o músico estava acompanhado da banda *Sensational Space Shifters* e com ela “interpretava músicas da banda com a qual ganhou fama”. Por fim, de forma sucinta, é apresentado um histórico do *Led Zeppelin*, com a informação de que a banda se dissolveu em 1982.

Nesta segunda notícia analisada, o nome do grupo inglês já aparece no título, ou seja, a figura de Plant é repetidas vezes conectada ao *Led Zeppelin*. Além disso, podemos perceber a presença de dois tipos de *fait divers*, a saber: Causalidade através da causa esperada é Coincidência a partir do subtipo antítese. O primeiro tipo aparece já no início da matéria quando a reportagem noticia que Robert Plant tem 74 anos, o que o torna um personagem dramático ao melhor estilo barthesiano. Já a antítese, presente no jornalismo cultural criticado aqui, aparece em momentos em que o cantor é fundido a termos

11. Disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/robert-plant-led-zeppelin-actua-ourense-9-septiembre/202304012247031209781.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

12. Considerado um dos maiores sucessos do *Led Zeppelin*, a faixa está presente no álbum *Led Zeppelin IV*, de 1971.

como figura legendária, ou seja, reforça mais uma vez o estereótipo etarista e desconsidera a intensa produção do músico.

Não obstante, a matéria ainda apresenta três equívocos: no primeiro, é dito mais uma vez que Plant é o líder do *Led Zeppelin*. Sobre este ponto, cabe aqui uma explicação: qualquer profissional que conheça a história do conjunto ou que ao menos pesquisou um pouco a respeito dela saberia que a mente por trás da banda era o guitarrista Jimmy Page, idealizador do grupo.

No segundo, quando a reportagem afirma que Plant quase se apresentou em Ourense em 2015 com a sua ex-banda, a *Sensational Space Shifters*, é colocado que com esta formação, o cantor interpretou músicas do *Led Zeppelin*. Em parte, a declaração procede. Mas, além de revisitar o catálogo do grupo, Plant também tocava números da sua carreira solo, além de versões de antigos blues ou de outros artistas que marcaram a sua trajetória.

Para finalizar, após apresentar um pequeno historial do *Led Zeppelin*, a reportagem sustenta equivocadamente que o grupo se dissolveu em 1982. Com este exemplo, podemos perceber mais uma vez aqui a falta de preparo por parte do profissional responsável pela matéria, que pode ser resultado das baixas condições de trabalho e falta de especialização necessária. Após a morte de Jonh Bonham, em 1980, a banda anunciaria o seu fim ainda no mesmo ano, no dia 4 de dezembro.

Com o título “Saem à venda as entradas do concerto de Robert Plant, do *Led Zeppelin*, em Celanova”¹³, a terceira matéria, publicada no dia 2 de maio de 2023, alerta que 3 dias depois estavam à venda as entradas para o show do “membro fundador do *Led Zeppelin*” e do projeto *Saving Grace*. Além disso, o texto afirma novamente que Plant era o líder do *Led Zeppelin*. Logo depois, a formação do *Saving Grace* é informada pela primeira vez, algo que deveria ser informado desde a primeira matéria.

Expondo novamente o nome de Robert Plant conectado à sua ex-banda já no título, esta matéria comete dois equívocos ligados ao *Led Zeppelin*. Primeiro, o cantor é tratado como “membro fundador” e, logo após, mais uma vez é dito que o inglês era o líder do grupo. A exemplo do deslize da reportagem anterior, nos dois casos aqui a resposta é Jimmy Page.

Três dias depois, sob o título “Esgotadas as entradas para o concerto de Robert Plant, do *Led Zeppelin*, em Celanova”¹⁴, a matéria, a qual apresenta pela terceira vez a mesma foto de Plant, informa também o local e a data do evento. Além de noticiar que as entradas para o show de Plant haviam acabado em

13. Disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/celanova/salen-venta-entradas-concierto-robert-plant-led-zeppelin-celanova/202305021551371216799.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

14. Disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/celanova/agotadas-entradas-concierto-robert-plant-led-zeppelin-celanova/202305031300501217419.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

poucos minutos, novamente, o cantor é apresentado como líder do *Led Zeppelin*. No parágrafo final, são dadas mais informações a respeito do projeto *Saving Grace* com destaque para frases como "(...) gloriosa harmonia do princípio ao fim (...)” e "(...) criando uma viagem musical em sua forma mais autêntica”.

Já no dia 7 de setembro, dois dias antes do evento, a quinta notícia é veiculada sob o título “O concerto de Robert Plant muda para o Auditório de Ourense devido à previsão de chuva”¹⁵. Nela, pela primeira vez, é mostrada uma foto do músico inglês junto aos integrantes do *Saving Grace*. Além de reforçar o que foi colocado no título, o texto novamente conecta Plant (co-fundador) ao ex-grupo, informa a idade do músico e o destaca como um dos cantores mais influentes do rock. Ao mencionar o *Saving Grace* nos parágrafos últimos, uma vez mais, são usadas as mesmas frases impactantes do final da quarta matéria. Além disso, é dito que a banda tem produzido “música suprema” e “uma exploração inovadora das canções”- termos que soam publicitários e não jornalísticos - as quais englobam os variados gostos e influências de Plant, como o folk britânico e americano e o blues tradicional.

Repetindo não só a conexão *Plant/Zepplin* já no título como também a mesma foto do cantor pela terceira vez, a reportagem, a quarta desde o anúncio do show, insiste em apresentar o cantor como líder da sua ex-banda. Ainda, a quinta matéria, escrita próxima à data do concerto, promove a contínua ligação do inglês com o antigo grupo e também lança mão de novo dos *fait divers* de Causalidade através da causa esperada ao mencionar a idade do músico. Além disso, a Coincidência através da antítese aparece, por exemplo, quando o *Saving Grace* é unido a termos exagerados e publicitários como “música suprema”.

No dia do show, 9 de setembro, o *La Región* produziu quatro notícias, além de um vídeo amador mostrando o trecho final do show sob o título “Robert Plant lança um feitiço sobre Ourense”¹⁶. As quatro matérias apresentam títulos que buscam impactar o leitor, a saber: “Chega a tempestade Robert Plant” (sexta), “A garganta de fogo do rock mostra todo o seu poder” (sétima), “Plant à galega... e portuguesa” (oitava) e “O Auditório de Ourense se rende ao Robert Plant mais blues”¹⁷ (nona).

15. Disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/prevision-celanova-mueve-concierto-robert-plant-fundador-led-zeppelin-ourense/202309071747371242716.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

16. Disponível em <<https://www.laregion.es/video/videos-ourense/robert-plant-hechiza-ourense/202309102148431243268.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

17. Respectivamente disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/llega-tormenta-robert-plant/202309082324361242982.html>>, <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/garganta-fuego-rock-muestra-todo-poder/202309082326471242984.html>>, <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/plant-galega-portuguesa/202309082329051242986.html>> e <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/auditorio-ourense-rinde-robert-plant-mas-blues/202309092337451243144.html>>. Acesso em 22 jan. 2024.

Ao mostrar mais uma vez a mesma foto de quase todas as matérias anteriores, a sexta notícia anuncia o horário e o local do show do vocalista do “histórico grupo Led Zeppelin”, “lenda do rock’n’roll”. Tido como “história viva do grupo britânico que marcou toda uma época”, o conteúdo jornalístico informa que o artista atuará junto “à banda *Saving Grace*, (...) em que se destaca a voz poderosa da cantora portuguesa Suzi Dian”. Logo após, são feitos alguns comentários sobre o projeto incluindo as suas influências do blues, da música oriental e do folk. No final, é colocado que o espetáculo promete “impressionar”.

Destacando uma foto extraída de um show de 2010, a sétima matéria ilustra Robert Plant como “a garganta de fogo do rock”. Nela, novamente é enfatizada a mudança do local do show “para apresentar o ‘primeiro disco’ do novo grupo do ex-vocalista do *Led Zeppelin*, “(...) um dos maiores cantores de rock da história e ícone absoluto para todos os vocalistas do heavy metal (...)”.

Ao contrário do que foi colocado antes na mesma matéria, é dito que o *Saving Grace* “não editou nenhum single nem álbum”. Naquele período, eles estavam tocando apenas *As I roved out*, tema inédito que estava sendo presenteado em forma de cópia digital às pessoas que compraram entradas para a turnê do grupo pelo Reino Unido. Na sequência, a reportagem informa que provavelmente a banda lançará o seu primeiro disco somente no outono.

A exemplo de postagens anteriores, na sequência, a matéria fala sobre a formação, influências e o estilo do show do *Saving Grace*. Já na parte final, uma vez mais, a conexão com o tema *Led Zeppelin* vem à tona. Aqui, Plant é ligado a termos como “ícone”, “carisma”, “personalidade” e “perfeição”. Além disso, o cantor e os ex-companheiros são chamados de “deuses do rock” e “maestros inquestionáveis”. A notícia fala também sobre o término do grupo e destaca alguns álbuns da carreira solo do cantor como, por exemplo, *Fate of Nations*, de 1993, “sua *masterpiece* absoluta”. Para encerrar, são mencionadas a colaboração com Jimmy Page no projeto “No Quarter – “gravado no País de Gales e no Marrocos” – e a última reunião do *Led Zeppelin* em 2007, com Jason Bonham, filho de John Bonham, na bateria. No fim, o chamamento: “Sem dúvida, Ourense tem esta noite um encontro com a história do rock”.

Com o título “Plant à galega... e portuguesa”, a oitava matéria faz menção à região espanhola da Galícia, local do concerto do cantor, e também ao fato de a cantora Suzi Dian ser portuguesa. Ilustrada por uma foto diferente de Robert Plant, a reportagem segue o embalo das anteriores quando une o artista a termos como “roqueiro histórico” e “veterano leão zeppeliano”.

Na sequência, a matéria exalta as colaborações passadas de Plant com vozes femininas como Alison Krauss e a ex-mulher, a cantora norte-americana, Patti Griffin. Agora, a nova parceira musical, Suzi Dian, “nasceu aqui ao lado (na vila

portuguesa de Figueira da Foz (...)” e foi descoberta e incorporada ao *Saving Grace* pelas mãos do cantor.

O texto também atenta para o fato de que é salutar abster-se de pedir no show clássicos do *Led Zeppelin* como *Whole Lotta Love*¹⁸ ou *Kashmir*¹⁹ “de seu glorioso repertório com os poderosos e pioneiros do rock vanguardista e pesado *Led Zeppelin*”.

Aproveitando o gancho, em seguida, o autor do texto afirma que assistiu *in loco* ao show de despedida do *Led Zeppelin* no dia 10 de dezembro de 2007, na O2 Arena, em Londres, para o qual “vinte milhões de internautas se inscreveram em uma lista de espera on line para poder presenciar aquela que foi, sem dúvida, a última apresentação do quarteto, com os três originais restantes mais o filho do falecido baterista John Bonham”.

Uma vez mais lançando mão de um discurso com tom publicitário, característica típica dos tipos e subtipos dos *fait divers*, a matéria afirma que, ultimamente, Plant busca refúgio para o enorme legado em lugares intimistas e, nestes, o cantor “continua a revelar a magia e encantos, redescobrimo as raízes do rock desde os primórdios com o blues e o folk e dando livre curso à sua imensa paixão pelos sons nativos”. Como exemplo, o repórter cita as aventuras passadas do músico quando este se uniu ao seu antigo parceiro Jimmy Page para produzir o álbum *No Quarter* junto à Orquestra Metropolitana de Londres e músicos marroquinos e egípcios. E finaliza: “É para lá que irá o que veremos, preenchendo lacunas, mas com aquela mística e espiritualidade que ele tão bem sabe transmitir. Imperdível contar aos nossos netos e parentes mais próximos”.

Ainda no mesmo dia, o *La Región* produziu a resenha do show de Robert Plant e *Saving Grace*. Sob o título “O Auditório de Ourense se rende ao Robert Plant mais blues”, a matéria afirma que aquela noite já era histórica. A reportagem também apresenta o mesmo vídeo amador que publicaria minutos depois, algo que nos dá indícios da própria precariedade estrutural já mencionada. Ainda, na sequência, o jornal afirma que “depois da passagem de renomados artistas por Ourense, agora já há uma nova estrela na constelação da música da província”.

Tratando mais uma vez Robert Plant como o “histórico vocalista do *Led Zeppelin*”, o texto afirma que o vocalista e a nova banda conquistaram o Auditório de Ourense ao apresentarem “uma proposta muito mais intimista que aquela voz de fogo do pioneiro do heavy rock em sua etapa como vocalista do lendário grupo britânico”. Na sequência, a reportagem lembra que as entradas para o concerto se esgotaram 10 minutos após a abertura das vendas. Mas avisa: “Claro, para aqueles que esperavam ouvir algumas das músicas lendárias da banda fundada

18. Faixa de abertura do álbum *Led Zeppelin II*, de 1970.

19. Música presente no álbum *Physical Graffiti*, de 1975.

por Jimmy Page em 1968, o que Robert Plant ofereceu foi um projeto acústico desenhado para atuações em auditórios como o de Ourense, e um repertório de peças com ritmos de blues, influências orientais e folk”, algo que já era previsto pela própria trajetória artística do músico, mas por possível desconhecimento e irresponsabilidade com o tema e com a editoria de cultura aqui analisada, parece ter sido desconsiderado.

Ainda assim, “Robert Plant não decepcionou”, afirma a matéria. Muito pelo contrário: “O Auditório se rendeu aos seus pés”. Com a sua “poderosa voz”, Plant, foi ovacionado pela plateia (...). O ‘veterano roqueiro’ orientou todo o concerto com uma explicação sobre a origem da sua música, intimamente relacionada com o que ouvia quando era jovem. Ele também ousou falar espanhol em mais de uma ocasião, ganhando ainda mais aplausos”. Mais uma vez, o termo etarista “velho roqueiro” é acionado, algo que remete a estereótipos dignos da categoria *fait divers*.

No encerramento da matéria, mais uma vez a conexão com a ex-banda volta à tona: “Num ambiente intimista, mas com toda a força que o caracteriza, o britânico tomou conta do palco, embora de uma forma diferente da que fez com o *Led Zeppelin*”. E como desfecho, válidas críticas ao trabalho apresentado. “Quase duas horas de atuação de pura fantasia para os ouvidos, que enfeitiçou aos nostálgicos e aos novos seguidores de sua música. Um concerto que ficará na história de Ourense. E como mostram os cinco minutos de aplausos ininterruptos na despedida do maestro”.

Se até aqui nós pudemos perceber uma série de enganos, desvios discursivos, exageros e apelações, as quatro matérias produzidas no dia do show não escaparam das mesmas deficiências. Embora, em linhas gerais, elas tenham apresentado informações mais consistentes a respeito do espetáculo e dos artistas, constatamos a mesma superficialidade, falta de conhecimento e uso exagerado de alguns tipos de *fait divers* nos textos analisados.

A começar por alguns títulos. Principalmente nos dois primeiros (sexta e sétima matérias), a empolgação e o impacto vestem a roupa da Coincidência através da antítese ao unir Plant a termos como “tormenta” e “garganta de fogo” numa clara tentativa de atingir o emocional do receptor. Mas, nem só de manchetes vive a antítese. Outros exemplos podem ser percebidos em expressões como: “lenda do rock and roll”, “história viva”, “ícone absoluto”, “roqueiro histórico”, “carisma”, “personalidade” e “perfeição”. Além disso, o *Led Zeppelin* também foi arremetido por esse subtipo barthesiano em passagens como “deuses do rock”, “poderosos” e “maestros inquestionáveis”. Não se trata aqui de tecer uma crítica ao uso da Antítese, embora salientamos o seu abuso por parte da reportagem. A questão que se impõe é outra: lançar mão do sensacionalismo pode resultar na consolidação de estereótipos e, ao mesmo tempo, no não aprofundamento e/

ou mascaramento de elementos informacionais mais relevantes e consistentes. Neste sentido, assim como qualquer outra prática jornalística, a editoria de cultura também necessita receber devida atenção profissional de acuidade e pesquisa do tema, no caso, a música.

Além da antítese, a Causalidade através da causa esperada também surge em “veterano roqueiro” e “veterano leão zeppeliniano”. Aliás, pegando carona nesta última denominação, a conexão ininterrupta com o *Led Zeppelin* se faz presente no que, por si só, acusa a presença da Coincidência com o subtipo da repetição. E, para encerrar, novos equívocos como, por exemplo, quando a sétima reportagem diz que Robert Plant e o *Saving Grace* apresentariam o primeiro disco, informação que foi desmentida no parágrafo seguinte.

Passados dois dias, uma última matéria²⁰ foi produzida pelo *La Región*. Com um clima pitoresco, “Robert Plant desfrutou do licor de café de Allariz antes de atuar em Ourense” mostra duas fotos nas quais o cantor aparece rodeado por alguns fãs. Em seguida, o texto afirma que o “histórico cantor do *Led Zeppelin*” curtiu a gastronomia da Galícia incluindo aí produtos locais como o licor café de Allariz, bebida muito popular da região.

Na reportagem, é dito que na sexta-feira, véspera do show, o músico e a banda estiveram em um estabelecimento hoteleiro de Allariz degustando as produções da localidade. Sem maiores comos e porquês, a matéria finaliza dizendo que Plant não decepcionou os seguidores mais fiéis no show que fez em Ourense. Muito pelo contrário: “O cantor britânico fez as delícias do seu público com sua poderosa voz”. Foram duas horas de um concerto que mexeu com o público e que fechou “com um longo aplauso para o cantor e os membros da sua banda”, conclui. Percebemos aqui que na última matéria, o *La Región* fez uso dos *fait divers* de Causalidade através da causa perturbada. Ou seja, na reportagem, a mera curiosidade conduziu a informação. Ao mencionar que Plant havia experimentado a gastronomia e as produções locais da região como o licor de café de Allariz, a surpresa e o excepcional, características típicas dos *fait divers* podem ser constatadas mais uma vez.

5. À guisa de conclusão

Ubíquos em todas as matérias analisadas, os *fait divers* são superficiais e rasos, mas de fácil entendimento. Insignificantes, exagerados e inusitados, não estimulam, não promovem elementos para a reflexão crítica. Ou seja, os *fait*

20. Disponível em <<https://www.laregion.es/articulo/ourense/robert-plant-disfruto-licor-cafe-allariz-actuar-ourense/202309111122171243361.html>>. Acesso em 23 jan. 2024.

divers prejudicam a informação. Posto isto, a questão de fundo vai além dessas considerações.

Constatamos que o jornalismo cultural praticado no jornal regional analisado continua repetindo as mesmas práticas repletas dos *fait divers*. Neste sentido, as matérias analisadas são basilares para o nosso argumento inicial de que parte do jornalismo cultural produzido por alguns veículos de mídia tradicional e regional carecem desta nova perspectiva de fazer jornalismo, mais afinado com os novos tempos e com as novas formações de público que demandam análises mais aprofundadas e com conteúdos mais relevantes, críticos e atentos.

Ainda, fazer uso de elementos para sensibilizar o público não seria algo errado e condenável, o jornalismo também trabalha com o sensível, no entanto, o problema acontece quando termos publicitários e adjetivos mascaram, prejudicam e por vezes desinformam o público em geral. Vale lembrar que isso acontece não somente com o jornalismo cultural, mas em outras editorias também.

Ao nosso ver, alguns veículos de comunicação tradicionais e regionais podem estar atrelados a antigos formatos de matérias, de cunho sensacionalista e simplista, deixando de lado análises mais fieis e precisas aos trabalhos artísticos noticiados, como o caso do músico Robert Plant pelo jornal *La Región*. Como já mencionado, tal fato pode também ser consequência da falta de estrutura destes veículos frente ao atual momento econômico de determinadas empresas jornalísticas de médio e pequeno porte. A isso, soma-se a falta de especialização e atenção a determinadas editorias, como a de cultura, analisada aqui.

Acreditamos e reafirmamos aqui que a trajetória artística de Robert Plant seja um bom caso a ser estudado justamente por carregar consigo estereótipos e questões representacionais repletas de adjetivos desnecessários que não caberiam mais nos dias de hoje e no novo jornalismo que pode existir. Ainda que ele seja um dos maiores representantes do gênero rock 'n'roll, Plant, há mais de quatro décadas, ou seja, maior parte da sua carreira, sempre buscou atualizar o repertório e investiu em novas jornadas e experiências artísticas. Por um lado, os críticos musicais mais atentos percebem isso, no entanto, parte da mídia tradicional, como no caso analisado aqui, insiste em trazer esses rótulos à tona e produzir notícias que pouco contribuem para a maioria do público.

Olhando mais o horizonte, o que devemos perceber é a maneira como a informação é explicitada. Ou seja, a miríade de tipos e subtipos dos *fait divers* que são utilizados fazendo com que a mensagem seja relegada a um segundo plano. Concomitante a isso, a lógica dos *fait divers*, que visa principalmente a audiência e o consequente lucro, reina absoluta nesse tipo de prática jornalística.

Ao promover desvios causais com o provável propósito de atingir o emocional dos receptores, as matérias analisadas exacerbam o uso dos *fait divers* em todas

as expressividades possíveis. Mesmo sendo considerado um músico de valor inegável, com uma sólida carreira solo, Robert Plant é arremessado à causa perturbada quando prova o tradicional licor café de Allariz, ou é visto como um ser frágil e idoso - típica figura da causa esperada - quando é chamado de "veterano roqueiro". Ainda, ao ser lançado à antítese, nomeado como "a tormenta" ou a "garganta de fogo", em um sentido sensacionalista, e, também, quando é objeto da repetição, ao ser constantemente conectado ao *Led Zeppelin*. Não é só de tormentas e licores de café que vive o jornalismo.

6. Bibliografia

- Barthes, R (1971). *Ensaios críticos*. Lisboa: Edições 70.
- Barthes, R (1979). *Sistema da moda*. São Paulo: Nacional/USP.
- Barthes, R (1997). *Aula*. São Paulo: Cultrix.
- Branco, S. C., Gomes, A. D. & Targino, M. G. (setembro, 2006). Jornalismo Cultural: realidade de ou idealização? In: *Anais do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. (pp. 1-15).
- Couldry, N.; Hepp, A. (2020). *A construção mediada da realidade*. Tradução: Luzia Araújo. São Leopoldo: Ed. Unisinos.
- Cruz, F. & Curi, G. (2015). *Communication Breakdown*: a cobertura do show de Robert Plant no festival Lollapalooza à luz do fait divers. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 22, n. 4.
- Cruz, F. & Curi, G. (2023). A interculturalidade na obra musical de Robert Plant. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, Braga, v. 10, n.1.
- Demo, Pedro (1992). *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.
- Gramsci, Antonio (2014). *Cadernos do Cárcere*. 6. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. V. 3. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- Ramos, R. (1999). *Anotações de sala de aula*. Porto Alegre: PUCRS.
- Rees, P. (2014). *Robert Plant: uma vida*. São Paulo: Leya.
- Sodré, Muniz (2014). *Ciência do Comum*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Souza, R. B. R. de (2018). A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 41, n. 2. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201823>